

EDUCAÇÃO SEM PRECONCEITO: A FAMÍLIA E A HOMOSSEXUALIDADE

Alípio de Sousa Filho

Não há dúvida que o preconceito anti-homossexual é um dos mais fortes na nossa sociedade. E também não há dúvida que a educação familiar é uma das que mais contribui para a produção e a reprodução desse preconceito. Poderíamos dizer que boa parte da educação familiar se orienta no sentido de “evitar a homossexualidade”. Em geral, os pais temem que seus filhos sejam “gays” e suas filhas sejam “lésbicas”, e assim, desde cedo, os pais e demais membros adultos da família, consciente e/ou inconscientemente, adotam estratégias que visam reforçar o padrão sexual instituído e legitimado, a heterossexualidade, espécie de cuidado para evitar a “queda no homossexualismo”: estratégias que vão desde as brincadeiras sobre “namorado(a)s” com crianças com menos de cinco anos a cobranças de “casamentos” para jovens em idade inferior a vinte e cinco anos. Ainda, nas famílias, os adultos são vigilantes quanto a “sinais” que indiquem “homossexualismo” nas crianças. Vigilância que tem tornado crianças e jovens objetos de todo tipo de controle dos adultos, casos até mesmo em que são encaminhados para psicólogos, psiquiatras, etc., com a “esperança” de evitar um “problema” (uma “mancha”, uma “vergonha”) na família.

Essa é a linguagem do preconceito. De fato, essencialmente, o que temos aí, no temor da homossexualidade, é a manifestação do preconceito na forma de uma de suas modulações visíveis ou invisíveis. O princípio da educação que se orienta pela idéia de “evitar o homossexualismo na família” traduz o mais amplo preconceito social existente na nossa sociedade: o preconceito contra homossexuais e contra a homossexualidade. Vivendo a crença segundo a qual a sexualidade humana é biológica, e, por conseguinte, deixando de saber que a sexualidade humana é produto de construções culturais, sociais e históricas, isto é, resultado de convenções humanas, as famílias tornam-se nichos de circulação e reprodução dos preconceitos (e da desinformação) que envolvem a sexualidade.

Note-se que, desde muito cedo, no microcosmo familiar, adultos cercam crianças e adolescentes de perguntas e gracejos a propósito de aspectos que concernem ao exercício futuro da sexualidade como se se tratasse apenas de momentos de descontração e em que a linguagem fosse puro canal de comunicação desinteressada, mas quando se sabe que, através dessa mesma linguagem e das idéias que ela é capaz de fazer circular, são difundidas as concepções, valores, normas, etc. que conformam as convenções sociais instituídas e dominantes. Estamos aqui tratando daquilo que a antropologia, a sociologia, a psicologia e a psicanálise chamam de socialização, endoculturação, formação do sujeito humano. Tudo que se é como humano se aprende da cultura, na cultura, pela cultura, com a cultura. Ainda, toda cultura, constituída toda ela como uma Ordem Social, opera na perspectiva de se reproduzir, de se perpetuar. Esta é a razão pela qual os padrões sociais – incluindo-se aí também os padrões da sexualidade – são apresentados como naturais, universais, eternos, imutáveis e até mesmo sagrados. A família, agente dessa cultura, ao mesmo tempo em que é também seu produto, é instância reprodutora dessa *representação* dos padrões sociais. Representação que tem muita força junto a todos porque é capaz de esconder que os padrões são criações humanas e como tais são convenções *sociais, particulares, históricas, transformáveis*.

Podemos crer que uma educação sem preconceitos poderá lidar com essa compreensão do caráter convencional das instituições humanas e dentre elas a sexualidade. Assim, no tocante à sexualidade, uma educação sem preconceitos implicará uma educação para a qual as convenções dos padrões sexuais de uma determinada sociedade e época serão tratadas como

tais, podendo ser questionadas, alteradas e substituídas. Sem preconceitos, a educação pode relativizar a força dos padrões e das convenções, ao mesmo tempo em que pode contribuir com o alívio do sofrimento das pessoas pela crença de que estes mesmos padrões e convenções são produtos intransformáveis, divinos, etc. No caso de homossexuais, sabemos que é muito alto o custo psíquico da ruptura com os padrões sexuais dominantes justamente pelo fato dessa ruptura ocorrer em primeiro lugar na família. A ruptura com pais, irmãos, etc., ou mesmo a convivência harmônica, mas em que nada se verbaliza a propósito da homossexualidade (vive-se tudo “em segredo”), envolvendo a afetividade, os laços de parentesco, etc., tornam a família lugar de tensões, conflitos e sofrimentos que somente uma educação sem preconceitos poderá vir a superar.

Atualmente, pais e filhos são vítimas de uma educação conservadora, orientada para a reprodução da Ordem Social, em que a sexualidade é também orientada no sentido de não variar do estabelecido, funcionando como metáfora do esforço global da Ordem no sentido dela própria não variar. Pais e filhos sofrem sem saber pelo que estão sofrendo: vítimas de uma Ordem que necessita de preconceitos para se perpetuar, brigam, se insultam, se machucam, sofrem, adoecem, morrem pela sujeição a convenções que se fixam e se legitimam, dentre outras formas, também pela via do preconceito. Pais e filhos poderão ser felizes experimentando uma educação sem preconceitos: uma educação que entenderá a sexualidade – e a homossexualidade como uma de suas expressões – como uma construção em que cada um toma parte como sujeito ativo e não como puro objeto de forças biológicas predefinidas ou objeto submetido a vontades divinas. É o ser humano que produz a si mesmo no processo de sua constituição como humano, a sexuação humana é parte desse processo. Uma educação sem preconceitos deverá saber compreender isso e, desse modo, terá as condições de livrar a todos da idéia de padrões sexuais fixos, únicos, invariáveis, sagrados, evitando assim sofrimentos inúteis, desesperos e a solidão de pais e filhos tomados pela angústia de não poder “falar/contar” sobre o que se é como homem ou como mulher em razão unicamente de preconceitos sociais.

Publicado em SOUSA FILHO, A. . Educação sem preconceito: a família e a homossexualidade. Boca da Noite, Natal/RN, v. 3, p. 4 - 4, 30 dez. 2001.